

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES XXIII. O GRAVADOR JOAQUIM MANUEL DAS NEVES.

VITORINO, Pedro

Ano: 1942 | Número: 52

Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XXIII. O gravador Joaquim Manuel das Neves. *Revista de Guimarães*, 52 (1-2) Jan.-Jun. 1942, p. 14-20.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museus, Galerias e Colecções

XXIII

O gravador Joaquim Manuel das Neves

São bem conhecidas as dificuldades que se oferecem ao historiógrafo na obtenção de elementos biográficos dos nossos artistas, apresentando-se como meio provável de as remover o recurso informativo de pessoas de família. Caso seja possível alcançá-la, é esta a fonte mais segura de informação, mas, diga-se também, nem sempre inteiramente satisfatória. Assim procedi com relação ao gravador Joaquim Manuel das Neves, artista que trabalhou no Pôrto nos meados do século passado, e cujo nome subscreve muito reduzido número de gravuras que correntemente se topam nas colecções de estampas.

Amigo, desde os tempos saúdosos do liceu, de um neto do artista, o muito considerado médico dos hospitais do Pôrto Dr. Angelo das Neves, dei em importuná-lo por várias vezes no propósito em vista. Não tinha o meu querido amigo notas coligidas, mas diligenciou juntá-las para me ser agradável. Aqui lhe tributo o meu reconhecimento. Com os elementos que amavelmente me forneceu e os que decorrem da obra conhecida do artista, tentarei dispor estas ligeiras notas.

*

* *

O nome de Joaquim Manuel das Neves não está de todo esquecido, por quanto o incluíram nas suas laudas a *Encyclopedia Portugueza* do Prof. Dr. Maxi-

miano de Lemos (1905) e, posteriormente, o Dicionário *Portugal* (1911).

A referência da *Encyclopedia* é como se segue, tal qual:

«JOAQUIM MANUEL DAS NEVES, nascido em Vagos e fallecido no Brazil em 1852, filho do médico-cirurgião Manuel José das Neves, foi por seu pai mandado para Coimbra para seguir o curso de medicina. Fechada a Universidade por causa dos acontecimentos políticos que então agitavam o paiz foi para a fabrica da Vista Alegre aprendendo ahi a arte do desenho e relacionando-se com um francez contractado para gravar vidro ao torno, arte a que então se chamava «florista», com elle apprendeu esse processo. Tendo fallecido seus pais victimados pela cólera, alistou-se na guarda nacional. Terminadas as luctas civis, estabeleceu no Porto uma aula de desenho, dedicando-se então á gravura em vidro, em metais e em pedras preciosas, executando trabalhos muito perfectos nesta especialidade. Foi o primeiro que em Portugal gravou pedras finas, e abriu brazões e monogramas em aneis e sinetes. Estes trabalhos eram executados em França por não haver entre nós quem os executasse. Dos seus trabalhos em cobre merece especial menção a gravura representando a Serra do Pilar e a antiga ponte pensil (1849) de que ainda ha alguns exemplares perfectos. A chapa foi depois retocada por quem pouco sabia do assumpto, perdendo bastante do seu valor artistico. Dos seus trabalhos em vidro é digno de menção um copo no qual se acha gravado um episodio do desembarque de D. Pedro IV no Mindello. Esse aprazivel objecto de arte pertence ao Sr. Antonio Moreira Cabral, residente na cidade do Porto.»

A mesma noticia, apenas com ligeiras alterações de redacção, foi reproduzida por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues no Dicionário *Portugal*, saído anos depois. E' costume dos nossos dicionaristas valerem-se do que está dito em obras congéneres, sem procurar quaisquer correcções ou actualização, defeito que o interêsse económico, prescindindo de colaboradores idóneos, facilmente explica.

Assim, em 1911 já o celebrado copo alusivo ao desembarque no Mindelo, ou melhor Arnosa de Pam-

pelido; não pertencia a António Moreira Cabral, pois que em 1908 o seu possuidor — entrado nos 80 anos e destituído do órgão de visão — tinha passado por venda as suas colecções de arte e antiguidades à Câmara Municipal do Pôrto; nelas se incluía «esse aprazível objecto de arte» (passado a «apreciavel» no Dicionário), que ficou fazendo parte, como todos os outros objectos então adquiridos, do recheio do Museu Municipal do Pôrto. A venda da colecção Cabral ao Município Portuense, a mais importante aquisição camarária no género após a compra do Museu Allen, em 1850, foi largamente referida, com louvor, na imprensa periódica e todo o Pôrto culto teve dela conhecimento.

As notas familiares fornecidas ampliam e corrigem, em parte, a notícia que a *Encyclopédia Portuguesa* inseriu.

Joaquim Manuel das Neves, filho do médico-cirurgião Manuel José das Neves e de D. Caetana Maria Loureiro, era natural do lugar de Cabecinhas, freguesia de S. Tiago da vila de Vagos, bispado de Aveiro, onde nasceu a 12 de Abril de 1806 (?). Em Lisboa casou na freguesia de Santa Maria de Belém com D. Teófila Amália Pereira de Carvalho; desta senhora teve vários filhos, um dos quais César Augusto Pereira das Neves, que nasceu na capital a 27 de Junho de 1841, veio a ser professor de música e compositor de reconhecido mérito. César das Neves era pai do meu obsequioso informador e estimado colega Dr. Angelo das Neves. Residindo no Pôrto alguns anos, Joaquim Manuel embarcava para a América do Sul entre 1850 e 1852. Desconhece-se o ano do passamento e a terra onde então habitava, pois não se sabe ao certo se era no México se no Brasil.

Parece que a estada no Pôrto não excedeu meia dúzia de anos; só daqui se conhecem trabalhos seus.

A obra d'êste artista como gravador é pequena em número, mas as estampas onde se vê o seu nome completo — apenas três — são de certa monta, pois excedem as dimensões mais correntes.

Indicam-se a seguir.

«*Vista da Serra do Pillar, e ponte pensil sobre o rio Douro na cidade do Porto.* Subs. — Joaquim Manoel das Neves, dez. do Nat. e grav. Porto.

Dim. — 420 x 332. A gravura não tem data, mas colloco-a em primeiro lugar por ser a mais importante e aquella onde as qualidades do artista melhor se evidenciam. O exemplar que possuo, muito perfeito e bem estampado, é da primeira tiragem.

«*N.ª S.ª do Remedio*. Venera-se na Igreja da Celestial Ordem 3.ª da S.S. Trindade da Cidade do Porto. São concedidas muitas indulgencias a quem visitar o altar da mesma S.ª na 3.ª dominga d'outubro». Subs. — *Joaquim Manoel das Neves dez. e gr. Porto. 1848*. Dim. — 311 x 213.

«*O Bom Jesus de Matozinhos* que por tradição consta ser feito por Joze Nicodemos discipulo do Senhor. Paulo 5.º concedeu muitas Indulgencias plenarias aos Irmãos desta Confraria. Tambem concedeu L.ªs a quem visitar o seu Altar.» Subs. — *Joaq. M.ª das Neves. cop. do orig. e gr. por ord. do Tes. A. F. da Costa. Porto 1849*. «Mandada Reformar em 1851». Dim. — 267 x 190.

Assinada unicamente *Neves* tenho na minha colleção uma estampinha de formato vulgar com o título «*N.ª S.ª das Dores*. Que se venera no Recolhim.º de N. S.ª do Patrocínio», e a indicação *Porto 1850*; creio pertencer ao mesmo artista; baseio esta afirmação no exame da técnica adoptada — mixto de ponteados e de buril — e no desenho um tanto rígido das figuras.

Sabido é ter havido outros gravadores com o apelido *Neves* «que subscrevem estampas abertas a buril as quais se torna quasi impossivel saber a qual deles se deve attribuir», como criteriosamente observa o meu illustre amigo Prof. Ernesto Soares na sua excelente *História da Gravura Artistica em Portugal* (1940). No Pôrto, além de Joaquim Manuel das Neves trabalhou tambem Francisco da Silva Neves, em época anterior, o qual havia praticado na Aula de Gravura da Imprensa Régia, conservando-se ali de 1769 a 1776 (*Hist. da Grav.*). Um registo que tenho de *N.ª S.ª da Silva* da Sé Catedral do Pôrto, assim o garante com a subscrição *F. S. Neves fect. no Porto*; é pena não estar datada.

Acêrca de Joaquim Manuel das Neves, diz o Prof. Ernesto Soares no lugar citado: «As poucas estampas

que dêle conhecemos autorizam-nos a julgá-lo natural do Pôrto, onde deve ter exercido a sua profissão. Muito inferior a qualquer dos outros dois artistas de apelido igual». A diferença entre o nosso artista e os de sobrenome irmão reside principalmente nisto: Francisco da Silva Neves, como já referi, estudou na Aula de Gravura da Imprensa Régia, onde também aprendeu Ventura da Silva Neves, desde 1766; ambos tiveram como mestres o exímio Joaquim Carneiro da Silva. Foi uma aprendizagem metódica e disciplinada, que faltou a Joaquim Manuel, facto revelado pelos trabalhos dêste, de processos mixtos para soluções mais fáceis; fez-se por si próprio, sem dúvida, contando com a sua inata habilidade e esforço persistente.

A diversidade dos trabalhos, gravura em metal, em pedras finas e em vidro, mostra uma actividade polimorfa que as circunstâncias obrigavam, decerto, a exercer; além disto, o artista tinha de dar lugar ao artifice. Triste condição imposta pelas exigências da vida!

*

* *

Como gravador de pedras finas nada há que documente a indicação da *Encyclopedia Portuguesa*. Esta espécie de gravura é uma arte anónima e ingrata no granjeio e na glória. Fora da época e do meio, o esquecimento envolve o artista. Na gravura em vidro outro tanto sucede. Mas quis o acaso que um exemplar dêsse género persistisse em mãos acolhedoras, o acarinhassem pelo conhecimento da pessoa que o produziu e o pudessem transmitir à posteridade. Recolheu essa notável peça o Museu Municipal do Pôrto, e lá se encontrava visível a todos, ultimamente com a nota da respectiva autoria que me foi dado juntar para elucidação do visitante. O público gosta de saber o que vê sem interrogar guardas nem recorrer a catálogos: contenta-se com uma indicação sumária, e esta não lhe deve ser negada. Deu-se porém um facto que poderia considerar-se estranho noutra terra, mas que entre nós é trivial: essa nota, por incompreensão, desmazêlo, ou o quer que seja — como outras mais — não foi aproveitada no «Inventário» feito para entrega,

aos cuidados do Estado, das coleções do Museu Municipal do Pôrto, quando da transferência destas para o Museu Nacional de Soares dos Reis. Isto mais justifica a referência especial que aqui, agora, faço.

O copo de vidro lapidado (n.º 229 do Inventário) é de forma cilíndrica e de tamanho médio.

Verdadeiramente, não representa «um episódio do desembarque de D. Pedro IV no Mindelo», como indica a *Encyclopedia Portugueza*, mas apenas nos fornece a indicação dêsse facto pela legenda que tem. São motivos isolados dispostos em redor do copo, na seriação seguinte: Enquadramento de flores, onde numa oval oblonga se lê: *9 de Julho de 1832*; fragata de guerra; retrato do Duque de Bragança, numa oval, entre trofeus e atributos guerreiros com coroa de fantasia; armas nacionais e adornos de flores. A gravura, feita ao tórno, como se sabe, é de notável perfeição.

O articulista da *Encyclopedia* diz ter Joaquim Manuel feito a sua aprendizagem na Vista Alegre, e aí recebido de «um francez» ensinamentos de gravura em vidro. Assim, teria sido seu mestre de desenho o francês Vitor Francisco Chartier Rousseau, pintor de mérito, que em 1836 fôra contratado em Londres para a Vista Alegre, onde se manteve até à sua morte, ocorrida em 1852. Deve ser a êste francês que alude a notícia, a qual respeita, como se observa, apenas ao ensino do desenho. Quanto ao trabalho de «florista», são suficientemente elucidativas estas notas: «Na fábrica de vidro, diz Acúrcio das Neves, há um só estrangeiro que é Samuel Hungles, inglês, lapidário e mestre de aprendizes; tem talento e gôsto, e executa quanto se lhe encomenda» (1827). «De 1826 a 1828, para ensinar a lapidagem, veio um inglês, Samuel Hunles [aliás Hungles], que educou bastantes aprendizes» (*A Fábrica da Vista Alegre*, 1924).

No tempo da estada do inglês na Fábrica ainda para ela não tinha entrado Joaquim Manuel das Neves, pois só após a terminação das lutas civis (1833), já órfão, se vira forçado a êsse recurso; devia ter aprendido a gravura no vidro com os floristas portugueses que Hungles educara.

As notícias não são bem explícitas quanto ao

decurso dos factos da vida do nosso artista em relação aos acontecimentos históricos.

Uma vez órfão, desviado da carreira a que se destinava, as circunstâncias de momento atiravam-no para o trabalho na Fábrica da Vista Alegre, onde se ignora o tempo de permanência. Nada se sabe também da sua actividade artística em Lisboa, se é que ela aí se exerceu.

A passagem nas fileiras creio-a ligada ao movimento popular de 1846 como componente de qualquer batalhão nacional, e não nas lutas civis anteriores. O certo é que combateu, com o entusiasmo de verdadeiro soldado, e — segundo a tradição da família — em dada ocasião numa refrega desafortunada, como não procurasse escapar-se, caiu nas mãos do inimigo...

Deveria ter sido só depois destes acontecimentos, em fins de 1847, que Joaquim Manuel das Neves se fixou no Pôrto, a ensinar desenho, a abrir chapas e a gravar pedras finas, numa luta proba mas ingrata, tão pouco animadora nos resultados, que o determinaram a lançar-se na aventura, à roda dos quarenta e cinco anos, de procurar em país estranho o acolhimento que a sua terra lhe negara.

PEDRO VITORINO.